PIMENTA, Daniele. **Os palhaços do Circo-Teatro Guaraciaba: aprendizado e troca no encontro de gerações.** Uberlândia: Universidade Federal de Uberlândia. UFU; professora adjunta A. Atriz, diretora, diretora musical.

RESUMO: O presente estudo analisa o trabalho de Hudi Rocha e Alexandre Malhone, atores e palhaços de gerações distintas, que atuam juntos no Circo-Teatro Guaraciaba, da região de Sorocaba, estado de São Paulo. A partir de pesquisas bibliográficas e de entrevistas, observamos: aspectos de suas trajetórias artísticas e formativas; questões como o aprendizado e as transformações e adaptações no trabalho de cada um pela convivência pessoal e profissional com o outro; além de considerar os diferentes meios de produção de seus trabalhos nos diferentes contextos em que atuaram ao longo de suas carreiras.

PALAVRAS-CHAVE: Palhaço, Formação circense, Produção artística, Encontro de gerações.

ABSTRACT: The present study analyzes the work of Hudi Rocha and Alexandre Malhone, actors and clowns of different generations, who work together in Circo-Teatro Guaraciaba, in the region of Sorocaba, state of São Paulo. Based on bibliographical researches and interviews, we observe: aspects of their artistic and formative trajectories; issues such as learning and the transformations and adaptations in the work of each one by the personal and professional coexistence with the other; besides considering the different means of production of their works in the different contexts in which they acted throughout their careers.

KEYWORDS: Clown, Circus formation, Artistic production, Meeting of generations.

Desde 2014 o Circo-Teatro Guaraciaba tem sido foco de minha atenção, tanto no campo acadêmico quanto no campo pessoal. Nossos primeiros contatos foram estabelecidos em função do pedido dos direitos autorais para a montagem de *...E o céu uniu dois corações*, de Antenor Pimentaⁱ, para uma montagem que comemoraria os setenta anos da companhia, a ser produzida para estreia e circulação no ano seguinte.

Após troca de e-mails sobre a elaboração do projeto e intermediação dos contatos com os detentores dos direitos autorais do texto, fui convidada para ir a Votorantim e Sorocaba, no interior de São Paulo, para conhecer pessoalmente o grupo e conversar sobre a obra de Antenor Pimenta, em oficina para estudantes de teatro da região, como parte das atividades previstas no projeto.

Com a aprovação do projeto em edital da FUNARTE, a companhia recebeu um prêmio que viabilizou a produção e a circulação da peça e, em função de ajustes no organograma geral, minha ida ao interior do estado foi substituída por uma palestra sobre a vida e a obra de Antenor Pimenta, seguida por uma roda de conversa com integrantes do Circo-Teatro Guaraciaba, evento aberto ao público que aconteceu em outubro de 2015, no Centro de memória do Circoⁱⁱ, na cidade de São Paulo.

O encontro abriu possibilidades de diálogo com artistas de diferentes gerações daquela companhia, o que tem me permitido, desde então, ampliar as investigações sobre os muitos aspectos artísticos e históricos do circo-teatro, a partir da coleta de novas informações e de seu confronto com aquelas recolhidas durante meus estudos, ou seja, uma inestimável oportunidade de alimentar questionamentos e reflexões para além do conhecimento adquirido em minhas pesquisas acadêmicas e em minha trajetória familiar, com o acesso a novas fontes primárias, a chamada “velha-guarda do Guaraciaba”ⁱⁱⁱ.

Essa oportunidade surgiu em função justamente do que o encontro de gerações pode produzir, pois os circenses tradicionais passaram suas vidas em uma estrutura nômade, dependendo totalmente da renda da bilheteria de seus espetáculos, o que os fez criarem e renovarem constantemente estratégias de publicidade, desde a estruturação de seus espetáculos até a relação com o público e com as autoridades de cada cidade. Assim, os artistas da velha-guarda do Circo-Teatro Guaraciaba desenvolveram suas carreiras, como todos os de sua geração, na base da conquista e reinvenção permanente dos meios de produção. Já o projeto de comemorações foi idealizado, escrito, produzido e, posteriormente, ampliado por pessoas da nova geração de artistas do Circo-Teatro Guaraciaba, artistas e produtores com residência fixa, habituados a um perfil mais atual de produção, compatível com esta era de editais de fomento e leis de incentivo em que vivemos.

O apoio da prefeitura de Sorocaba e os editais culturais estaduais e federais reavivaram a carreira de artistas do Circo-Teatro Guaraciaba e oportunizaram o convívio e a troca de conhecimentos entre a “velha guarda”, seus descendentes, jovens atores da região e estudantes de teatro, os quais cursam oficinas ministradas pelos integrantes da companhia.

E esse encontro de gerações faz com que a montagem de *...E o céu uniu dois corações* do Guaraciaba seja um espetáculo primoroso, resultado do aprendizado a que generosamente se dispuseram os atores mais jovens e o diretor e ator, Mário Pérsico, que atua em Sorocaba desde 1976 e cuja formação não parte da tradição circense.

Da pintura dos telões de fundo à atribuição dos papéis, em tudo se percebe o rigor da tradição do melodrama circense brasileiro clássico^{iv}: a construção de emoções sinceras em cena, o preenchimento das pausas, a condução do público ao riso e às lágrimas.

Entre tantas possibilidades de estudo que o espetáculo traz, trato aqui do trabalho de dois artistas^v: Hudi Rocha, ator da “velha-guarda”, e Alexandre Malhone, filho da veterana Guaraciaba Malhone.

Pude observar, no espetáculo, diversos expedientes da tradição cômica circense e confirmar elementos essenciais - descritos por Antenor Pimenta e pelos artistas entrevistados em minhas pesquisas anteriores - no que concerne à comicidade nos melodramas circenses.

Já tratei, em outros trabalhos, sobre a importância do alívio cômico no melodrama, bem como abordei as alterações recorrentes em encenações de companhias que tinham o palhaço como atração principal e que, assim sendo, deslocavam a comicidade de sua função de alívio para a função de “carro chefe” do espetáculo, a partir de um desequilíbrio entre os trechos cômicos e sérios ou transformando os melodramas em comédias.

Na montagem do Guaraciaba o equilíbrio original do gênero é preservado e a condução das atuações cômicas é feita respeitando-se o estilo de cada intérprete, mas com a devida atenção à estrutura geral do espetáculo.

Nesse sentido, um aspecto que me chamou a atenção foi a fidelidade ao texto, cuja versão final já inclui gags aprovadas pelo autor - também ensaiador e ator^{vi} da montagem original - após algumas experimentações na década de 1940.

As cenas cômicas distribuem-se por quatro dos cinco atos da peça, sendo o último ato completamente sério, o que é respeitado na encenação do Guaraciaba, mesmo com a importante participação de Juca, personagem cômico interpretado por Alexandre Malhone, no desenlace da trama.

Aliás, um dos grandes desafios de se encenar *...E o céu uniu dois corações* é justamente a construção de Juca: um rapazote traquinas, acostumado a lidar com leveza e irreverência com o dia a dia de pobreza, que convive com liberdade e afeto com as personagens femininas sérias e que assume funções importantíssimas na condução da trama, por iniciativa própria, aceitando as consequências de seus atos com maturidade e humildade. Esse percurso demanda experiência e controle, tanto da técnica quanto do ego, do ator que o interpreta.

Alexandre Malhone atende a todos esses atributos: percebe-se em sua atuação a experiência do ator e do palhaço: o traquejo na relação com o público, o domínio técnico do tempo cômico e da dose precisa da comicidade para criar um personagem indubitavelmente cômico mas totalmente crível no contexto do drama^{vii}, sem infantilizações e sem afetações desmedidas. Vemos um ator que transpira a essência do palhaço de picadeiro, mas sem colocá-lo em primeiro plano, e que sustenta a credibilidade do personagem nas situações que o levam a permanecer em cena com densidade, por todo o quinto ato, sem quebrar o estado de tristeza e suspense que a peça exige.

Para isso contribuem as marcações limpas da direção e a caracterização discreta – aliás, com certo exagero no cuidado para dosar a comicidade do personagem, seu figurino é absolutamente “sem graça”: roupas em tons de bege, sem nenhum detalhe em outras cores nem cortes excêntricos – que fazem com que a presença do personagem seja marcada apenas pela atuação de Malhone.

Também é preciso considerar a consistência do texto em si. Antenor Pimenta estrutura a transição do personagem já na escrita, colocando-o em diferentes níveis de liberdade cômica, dependendo do contexto e do perfil de cada cena.

O dimensionamento cômico é dado pelo autor de formas diferentes em cada ato, tanto no sentido da proporção entre situações cômicas e sérias, quanto no grau ou estilo de comicidade possível em cada situação.

Assim é que Hudi Rocha pode construir seu personagem com muito mais liberdade que Malhone, pois o senhor Benevides é o destaque cômico do terceiro

ato - juntamente com a personagem com quem divide as principais cenas, sua filha Adélia, interpretada por Geisa Helena - mas está restrito a esse ato, ou seja, contracena com personagens específicos, em um contexto distinto dos demais atos e com propósitos que afetarão, e muito, o desenrolar da trama, mas que não o envolvem diretamente (ou conscientemente) no conflito.

Seu personagem é, portanto, um convite à comicidade desbragada, com falas repletas de trocadilhos, de confusões de sentido e de duplo sentido, conflitos divertidos com sua filha e vários apartes.

Essa liberdade, ou “licença cômica”, chama a atenção desde sua entrada, em que o bigode destacadamente posticho contrasta com a casaca elegante. E tanto o bigode quanto a casaca serão usados comicamente, desalinhando-se de diferentes formas durante as cenas do terceiro ato.

Rocha tem domínio da cena e, ao mesmo tempo, permite-se transgredir a limpeza das marcações que garantem ritmo à encenação, abrindo “parênteses” rítmicos quando quer e voltando ao ritmo coletivo quando necessário.

São décadas – muitas - de experiência como ator e como palhaço, que lhe conferem segurança para brincar em cena, ao mesmo tempo que lhe dão esse direito.

Hudi Rocha e Alexandre Malhone partem, ambos, da tradição cômica circense: a formação pela tradição oral, a experiência como meta e como suporte do aprendizado artístico, o repertório pessoal cultivado em longa trajetória de, no mínimo, dupla formação, como atores e como palhaços. Trajetórias feitas de jogo com parceiros de cena e com o público.

Hudi e Alexandre são de gerações distintas, mas nem tão distantes, pois Alexandre é filho de Guaraciaba, que, como Hudi, compõe a “velha-guarda” da companhia. Porém, a diferença de uma geração é suficiente para que haja uma enorme distância entre os papéis de ambos fora de cena: o que Alexandre aprendeu com a convivência e a parceria em cena - desde seus cinco anos de idade! – com sua mãe Guaraciaba, Hudi, Edmeia, Iracema e tantos outros artistas hoje falecidos ou afastados da cena, recompensa agora assumindo, junto a novas parcerias^{viii}, a frente de viabilização de projetos para produção dos espetáculos.

Saber interpretar textos dos editais de fomento, escrever projetos, dominar plataformas digitais, lembrar-se de cada pequeno detalhe para a prestação de contas não são lições que vêm junto com a “serragem nas veias”, num tempo em que mais nenhum circo usa serragem no chão.

Alexandre está, para Guaraciaba, Iracema, Edimeia e Hudi, como eu, para meu pai^x, com quem tive a emocionante oportunidade de assistir a *...E o céu uniu dois corações*, em uma encenação feita dentro das mais belas tradições circenses, mas fora da lona. Uma montagem que ocupou teatros de São Paulo, Minas Gerais e Rio de Janeiro, sem que essa circulação dependesse de caminhões e trailers, sem fincar estacas, erguer mastros e preparar maços do amor.

O público, os jovens atores e estudantes de teatro de Sorocaba e região têm aprendido muito com o Circo-Teatro Guaraciaba. A companhia tem tido oportunidade de retomar sua arte e de firmá-la junto a novas gerações, ensinando a técnica, a expressividade e a ética do circo tradicional.

E os artistas do Guaraciaba também têm se renovado, não só pela convivência com jovens artistas e produtores, mas também por se manterem abertos ao aprendizado: um de seus espetáculos do repertório atual, *Avental*

todo sujo de ovo, com texto de Marcos Barbosa e direção de Dagoberto Feliz, trata de questões de gênero. O tema, atualíssimo, fora do escopo convencional do repertório circense, é discutido com delicadeza, seriedade e, claro, emoção.

O encontro de gerações encanta, em cena e fora dela. Tenho tido contato com alguns pesquisadores para quem indiquei os espetáculos do Guaraciaba e que me falam da experiência com o entusiasmo do garoto que se esgueira por baixo da lona para espiar a trapezista-quase-fada.

A surpresa pela emoção inesperada para os olhos acadêmicos. A risada fácil no bate-papo com o elenco, no restaurante após a peça (e, no folheto guardado na bolsa, o logotipo registra o apoio!). A simpatia do circense, genuína como a curiosidade dos mais jovens sobre a vida de artista-pesquisador.

E, como pesquisadora, mas também como artista e, ainda mais, como circense-filha, recebo agora, fresquinha, fresquinha, a notícia de que a próxima montagem do Circo-Teatro Guaraciaba vai falar de... encontro de gerações!

Aguardemos!!

Referências Bibliográficas:

BOLOGNESI, Mário Fernando. *Palhaços*. São Paulo: Editora UNESP, 2003.

CAVALCANTE, Iracema Pires. *A vida maravilhosa nos circos-teatros*. Sorocaba, SP: Loja de Ideias, 2011.

CIRCO-TEATRO GUARACIABA, 70 anos. Programa da temporada 2017.

PIMENTA, Daniele. *Antenor Pimenta: Circo e Poesia – a vida do autor de ...E o céu uniu dois corações*. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Fundação Padre Anchieta, 2005.

VARGAS, Maria Thereza. *Circo: espetáculo de periferia*. São Paulo: IDART, 1981.

http://www.circonteudo.com.br/index.php?option=com_content&id=2458:circo-teatro-guaraciaba&Itemid=505 acesso em 14/06/2017

<https://www.facebook.com/circoteatroguaraciaba/?fref=nf> acesso em 19/06/2017

http://trupekoskowisck.com.br/?page_id=23 acesso em 26/05/2017

<https://brunaemy.wordpress.com/2016/11/28/biblioteca-infantil-e-parte-da-historia-de-sorocaba/> acesso em 26/05/2017

<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/782923/circo-guaraciaba-celebra-70-anos-com-turne;-sorocaba-esta-na-rota> acesso em 22/05/2017

<http://www.jornalcruzeiro.com.br/materia/498636/respeitavel-publico-favor-nao-esquecer-do-lencinho> acesso em 12/06/2017

<http://www.diariodesorocaba.com.br/noticia/242537> acesso em 11/11/2017

ⁱ É comum que, por conta da publicação da peça em meu livro (PIMENTA, 2005), as pessoas interessadas na obra me procurem e eu as coloque em contato com os verdadeiros detentores dos direitos sobre a peça, os filhos de Antenor Pimenta.

ⁱⁱ O Centro de Memória do Circo, fundado em 2009 e mantido pela prefeitura de São Paulo, preserva um acervo de materiais e documentos doados por artistas circenses ou seus familiares. Mantém exposição permanente de maquetes, fotografias e figurinos; promove eventos artísticos, pedagógicos e comemorativos, abertos ao público em geral e, em especial, aos circenses, os quais se reúnem regularmente em suas dependências.

ⁱⁱⁱ Guaraciaba Malhone, Hudi Rocha, Edmeia Rocha e Iracema Cavalcanti. O Circo-Teatro Guaraciaba recebeu esse nome no início da década de 1940, por ocasião do nascimento de Guaraciaba, filha do proprietário.

^{iv} Uso melodrama circense brasileiro clássico para diferenciar do melodrama de matriz francesa, bem como das vertentes prioritariamente cômicas das encenações feitas por palhaços.

^v Há outros aspectos muito ricos para análise na peça, como as atuações femininas, as quais devo analisar em breve.

^{vi} Antenor Pimenta representava Alberto, o jovem galã da peça, mas, como autor e ensaiador, definiu os limites da comicidade no espetáculo e no texto.

^{vii} Vale lembrar aqui, como fiz em outras publicações, que os circenses antigos não usavam o termo “melodrama” para tratar de suas peças. Empregavam a palavra “drama”, para as peças sérias e, em algumas famílias, diferenciavam drama de “dramalhão”, não pelo sentido pejorativo que remete ao exagero, mas para indicar peças longas, com cinco atos (o drama teria três atos).

^{viii} No caso da montagem de ...E o céu uniu dois corações a produção ficou a cargo de Geisa Helena e Stefânia Mendes.

^{ix} Sou filha de Tabajara Pimenta e Ge Pimenta. Tabajara, artista e empresário artístico, sobrinho e afilhado de Antenor Pimenta, foi também seu sócio em uma fase de suas trajetórias circenses.